

# ESCOLHA SUA CRUZADA

A guerra santa de D. Sarney ☆ O duelo de Temer e Muylaert contra o crime  
☆ A batalha pelo voto feminino ☆ O banguê banguê de "Je vous salue Marie".

**porã<sup>~</sup>**  
**duba**

## Carta dos editores

Foram muitos os que nos cumprimentaram nas rampas e corredores pela "cara nova" do *Porã'duba*. Nós agradecemos, mas confessamos que não ficamos tão contentes. Fizemos uma profunda avaliação do nosso "número um" e chegamos à conclusão que ele poderia ter sido melhor. Isso foi bom, redobrou nosso empenho na realização do "dois".

Ele começa com uma ampla prestação de serviços. O cruzado deixou muita gente tonta, dentro e fora da PUC. A matéria que começa aí na página ao lado tenta esclarecer algumas dúvidas que persistem entre professores, alunos e funcionários.

A segurança vem sendo um problema sério

na PUC. Roubos continuam ocorrendo dentro e fora da Universidade. E, por mais paradoxal que pareça, do curso de Direito saíram o último e o atual Secretário de Segurança do Estado. Eles contaram para o *Porã'duba* como se dá esse difícil relacionamento entre o direito e a polícia.

E por falar em polícia, ela apareceu outra vez no campus. Mas não foi para esclarecer nenhum roubo. Os "federais" vieram para bater, sob pretexto de que aqui se realizava um ato proibido. Mas a PUC respondeu na hora e com um concorrido ato público dois dias depois.

Como se vê tivemos "pratos cheios" nos últimos quinze dias. Se você não os saboreou "ao vivo", experimente agora.

### COMISSÃO EDITORIAL EXECUTIVA

Professores — jornalistas: Laurindo Lalo Leal Filho (reg. Min. Trab. 12.110 Mat. Sind. 3000)  
Gabriel Priolli (reg. Min. Trab. 361 — Mat. Sind. 4967)  
Valdir Mengardo (reg. Min. Trab. 12.347 — Mat. Sind. 6707)  
Aluna de Jornalismo Claudia Giudice de Menezes  
Funcionária-Jornalista — Vera Lucia Ramos da Silva

### Redação

Mara Gama (edição), Regina Delfino e Valdir Mengardo (Projeto Gráfico e Logotipo), Renato de Cara (Diagramação) e Emilio Damiani (ilustração).

*PORÃ'DUBA* circula quinzenalmente, com distribuição gratuita, e é editado sob a responsabilidade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Rua Monte Alegre, 984 — São Paulo SP — CEP 05014 Tel. (011) 263-0211 - Ramal 227.

A redação se reserva o direito de reduzir, alterar e corrigir quaisquer textos a ela encaminhados, inclusive os assinados, sob estritos critérios jornalísticos, sem prejuízo de seu sentido e conteúdo. Composição e Impressão: Gráfica Jorúes. Tiragem: 15.000 exemplares.

*PORÃ'DUBA*, em tupi: notícia

## OPINIÃO

### REITORIA

#### Autonomia afrontada

Mais uma vez a PUC-SP teve sua autonomia afrontada, quando, na noite de 4 de março, a Polícia Federal adentrou o Campus da Monte Alegre com o objetivo de recolher um filme proibido que estaria sendo exibido por estudantes. O ocorrido evoca a invasão da Polícia Federal em 22 de setembro de 1977, e demonstra que muito pouco houve de efetiva mudança, daquela época até hoje, na forma pela qual o Estado trata a questão da liberdade de pensamento e manifestação, bem como da autonomia universitária. Mais uma vez, a Comunidade Universitária e as instâncias da PUC-SP tiveram que se mobilizar para a garantia de seus direitos.

À ação da Polícia Federal no interior do Campus, seguiram-se tumultos, pânico, depredação de patrimônio e disparos com armas de fogo.

A reitoria providenciou no sentido de que todos que necessitassem de auxílio médico ou jurídico tivessem-no pronta e eficazmente, contando inclusive com a colaboração de advogados professores da faculdade de Direito, que acompanharam as vítimas da violência à Delegacia de Polícia, tendo registrado Boletim de Ocorrência. Entrou em contato com o Sr. Secretário da Segurança Pública e tentou conversar com o Sr. Ministro da Justiça.

Além disso, determinou a imediata abertura de Sindicância interna, sob a direção de Comissão integrada por um representante de cada segmento da Comunidade Universitária. Emitiu, depois, nota à Imprensa, e convocou o Conselho Universitário.

Entendemos que defender a Universidade é defender a sua autonomia acadêmica, administrativa e financeira. Ela implica a defe-

sa contra o arbítrio e imposições externas de qualquer ordem. Consensualmente aceita, esta autonomia, contudo, exige que se vença o medo à liberdade e se ouse exercê-la na prática cotidiana. A PUC-SP realiza-a em muitos aspectos e, por isso mesmo, teve-a cerceada em mais de uma vez (invasão de 1977, incêndio do TUCA...).

Acreditamos na força do pensamento e na liberdade de sua livre manifestação. Defendemos como inaceitável o impedimento da exibição do filme, nos lugares adequados e principalmente no meio universitário, espaço de debate pluralista das idéias e suas expressões. Lutamos pela eliminação dos resquícios da legislação autoritária que impedem o convívio democrático. Convocamos a Comunidade Universitária da PUC-SP para o seu mais veemente protesto contra a invasão do nosso Campus Central.

### DCE

#### Duas ou três coisas que eu sei sobre eles..

SPLASH! A PUC de novo foi invadida. Dois grandes absurdos: a invasão violenta e estúpida em si e a disposição com que a Polícia Federal lesou a autonomia universitária. Eles estavam mesmo dispostos.

Não dá para pensar esta segunda invasão sem percebermos a desmobilização das entidades civis em torno da Constituinte, as manobras na reforma ministerial e, principalmente, o novo pacote econômico do governo, sem dúvida um golpe travestido de milagre.

A nossa autonomia teve de ser defendida no braço. Embora seja delicioso botar a polícia pra correr, já até julgávamos, nos tempos da nova república, desnecessários estes métodos meio arcaicos de fazer valer o que é legítimo...

Será que é preciso falar do alto grau de ignorância que é censurar

um filme? E o nosso Grão Chanceler, D. Arns, trocou a autonomia universitária pela proibição de "Ave Maria"?

Dia 4 a gente da PUC deu ao Brasil uma das mais fortes demonstrações da autonomia do desejo contra os dragões do obscurantismo. Os cuspes recebidos pelos policiais invasores tinham também como alvo Jânio, Roberto Carlos, Sarney, a nova república, Lyras e Furtados e a Igreja. A APROPUC saiu desta meia hora antes, preferiu os dragões.

Querer assistir ao filme significa desobediência civil! Nós vimos "je vous salue, Marie". A Maria é uma gata e o filme, um SPLASH! Por outras e por essas vamos vê-lo mais. Muito mais. godART: a boca serena do mal.

Ivan Araújo

N.B.: já estou de saco cheio de ver este filme com uma mão na bandeira e a outra no cú.

### AFAPUC

#### "Nova República" velhos pacotes

Quando o governo Alfonsín, na Argentina, decretou o chamado plano Austral, a burguesia do continente e os grandes banqueiros tudo fizeram para convencer os trabalhadores e a população de que esta era a grande saída para todos os seus problemas: "A inflação vai estacionar em zero e o poder aquisitivo dos salários estará garantido". Pouco tempo depois a ilusão está desfeita: A inflação chega a mais de 5% ao mês e os salários estão sendo corroídos como sempre.

Se é verdade que não se pode transplantar automaticamente experiências de um país para outro, também é verdade que as leis da

economia não mudam em função da língua que se fala. O que foi péssimo para a Argentina, para os trabalhadores argentinos, será bom para os trabalhadores brasileiros?

Não há porque acreditarmos que esse pacote econômico seja bom para nós, na medida que a única coisa que ele garante é que teremos um grande rebaixamento de nossos salários. Controle de preços no Brasil sempre foi uma grande piada. O congelamento de preços, no entanto, é uma reivindicação histórica da população que, deve, ou não, lutar para mantê-lo, com ou sem pacote. O que não podemos aceitar em nenhuma hipótese é este confisco salarial que visa, como nos velhos tempos, ajudar a burguesia a superar sua crise às nossas custas.

Chega a ser cômico ver os economistas do governo tentando provar que agora tudo vai ser lindo e maravilhoso e que não há perdas salariais. "Ao contrário", dizem eles, "há ganho para os assalariados". Este é o país da mentira, dizem muitas pessoas. Parece que nossos governantes querem tornar esta afirmação uma verdade incontestável.

A verdade é que a população ainda está em estado de choque e um tanto iludida com as medidas. Mas a realidade, como sempre, falará mais alto que as ilusões. Nós, que pretendemos ser uma camada esclarecida, temos que estar a postos, desde já, para auxiliar a população a reagir ao pacote e lutar contra o governo ou o patrocina.

### APROPUC

#### Em defesa da federalização da PUC

Qual é a saída para a crise da PUC? Desde meados de fevereiro, tal interrogação tornou-se, entre os

professores e funcionários, mais importante ainda devido às primeiras medidas de saneamento apresentadas pela Reitoria. A partir deste momento, começou a ficar claro que a Reitoria está fortemente inclinada a colocar em prática uma ampla política de racionalização financeira, que, caso aconteça, abrirá uma situação de desemprego, redução de horas contratuais e sobrecarga de trabalho. Evidentemente, esta saída para a crise da PUC, de um lado, arrebentaria as conquistas obtidas e, de outro, a conduziria a uma profunda mercantilização do ensino.

É fundamental, portanto, nos opor à via do retrocesso, não permitindo que se criem as condições que permitam crescer a política de cortes.

Na atual fase, já não basta apenas reagir contra as medidas de cortes. É necessário contrapor à saída mercantilizante a defesa do ensino público e gratuito. A crise, objetivamente, está colocando, com mais vigor, as duas perspectivas contraditórias. Ao contrário da mercantilização, a solução progressiva da PUC, de um lado, a federalização da PUC. Sem dúvida, este é o caminho mais difícil, pois o governo da Nova República mantém a mesma linha privatizante dos regimes militares anteriores.

Isto quer dizer que está colocando uma ampla mobilização dos professores, estudantes e funcionários. Ou alcançamos uma forte unidade e saímos à luta ou as tendências mercantilizantes ganharão terreno. Em função desta situação, a Apropuc e Afapuc defendem a realização de um Congresso Universitário, que sirva de meio para uma ampla mobilização, conscientização e definição de uma saída estratégica progressiva, que só pode ser o ensino público e gratuito.

Nesse sentido, conclamamos os estudantes a se manifestarem diante da proposta de Congresso e convocamos nossos colegas e funcionários a se mobilizarem em torno das atividades programadas para a realização do congresso.

A CRUZADA  
DO DINHEIRO

# A crise da PUC em cruzados

Mensalidades, salários e dívidas na PUC recebem o impacto do cruzado. Nestas duas páginas saiba o que mudou e o que continua na mesma. Confira nas tabelas os salários e as mensalidades empacotadas.

Com cruzeiros ou cruzados a crise da PUC é a mesma. Só que o trabalho burocrático e a confusão entre os alunos sobre as mensalidades e entre professores e funcionários sobre salários aumentou bastante. No final da semana passada ainda não se sabia qual seria a mensalidade a ser paga pelos alunos em abril e a Coordenadoria de Recursos Humanos não sabia quais seriam salários de março.

A questão das mensalidades é a mais intrincada. Para o vice-reitor administrativo adjunto da PUC, Guido Mantega, o governo deixou algumas coisas em aberto no pacote propositalmente, "para testar o comportamento da sociedade". Entre essas "aberturas" estão as mensalidades escolares. A informação inicial é de que elas seriam simplesmente corrigidas pela "tabelinha". Os empresários do ensino gritaram, afirmando que inúmeras escolas não resistiriam. O governo recuou e passou a admitir que o reajuste deveria ser feito sobre o valor médio real dos últimos seis meses. Resta saber como será obtida essa média. É um dos últimos mistérios do pacote.

Para quem já estava na PUC desde o ano passado, o único problema foi enfrentar as longas filas do dia 10 nos bancos. Elas já são longas normalmente, com o uso da "tabelinha" tornaram-se maiores. Mas para pagar bastou converter cruzeiros em cruzados pelo valor do dia. Para os calouros da graduação e do pós-graduação a Reitoria resolveu emitir uma nova guia de pagamento. Ela serve para quitar a mensalidade de março. Seu valor foi obtido aplicando-se o índice do dia 10 de março sobre a mensalidade de fevereiro. O prazo final para pagamento sem multa é o dia 20 de março.

## PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS

Se para as mensalidades as coisas ainda não estão claras, para os salários as dúvidas são menores. O problema maior é de ordem política. É isso que as entidades de professores e funcionários estão discutido. A Apropuc já lançou um boletim onde, além de mostrar didaticamente como se calcula o novo salário, aponta as perdas sofridas pelos salários com a nova legislação. E marcou uma assembléia para segunda-feira, dia 17, para dis-

## COMO FICAM AS MENSALIDADES

	Março	Abril
VETERANOS	Mensalidade de março + pelo índice do dia 10/3	Valor médio dos últimos 6 meses (ainda não se sabe o índice para esse cálculo)
CALOUROS graduação e pós	Mensalidade de fevereiro + pelo índice do dia 10/3 (pagamento s/ multa até 20/3)	Vale a mesma informação dos veteranos

## OS NOVOS SALÁRIOS DOS PROFESSORES

	TP-10	TP-20	TP-30	TI-40
TITULAR	3.038,38	6.076,76	9.115,14	12.153,52
ASSOCIADO	2.909,85	5.819,71	8.729,57	11.639,43
ASS. DOUTOR	2.769,65	5.539,30	8.308,96	11.078,61
ASS. MESTRE	2.310,73	4.621,46	6.932,19	9.242,92
AUX. ENSINO	1.823,26	3.646,53	5.469,79	7.293,06
CONT. RESPONS.	2.540,11	5.080,23	7.620,35	10.160,47
CONTR. AGREG.	2.310,73	4.621,46	6.932,19	9.242,92

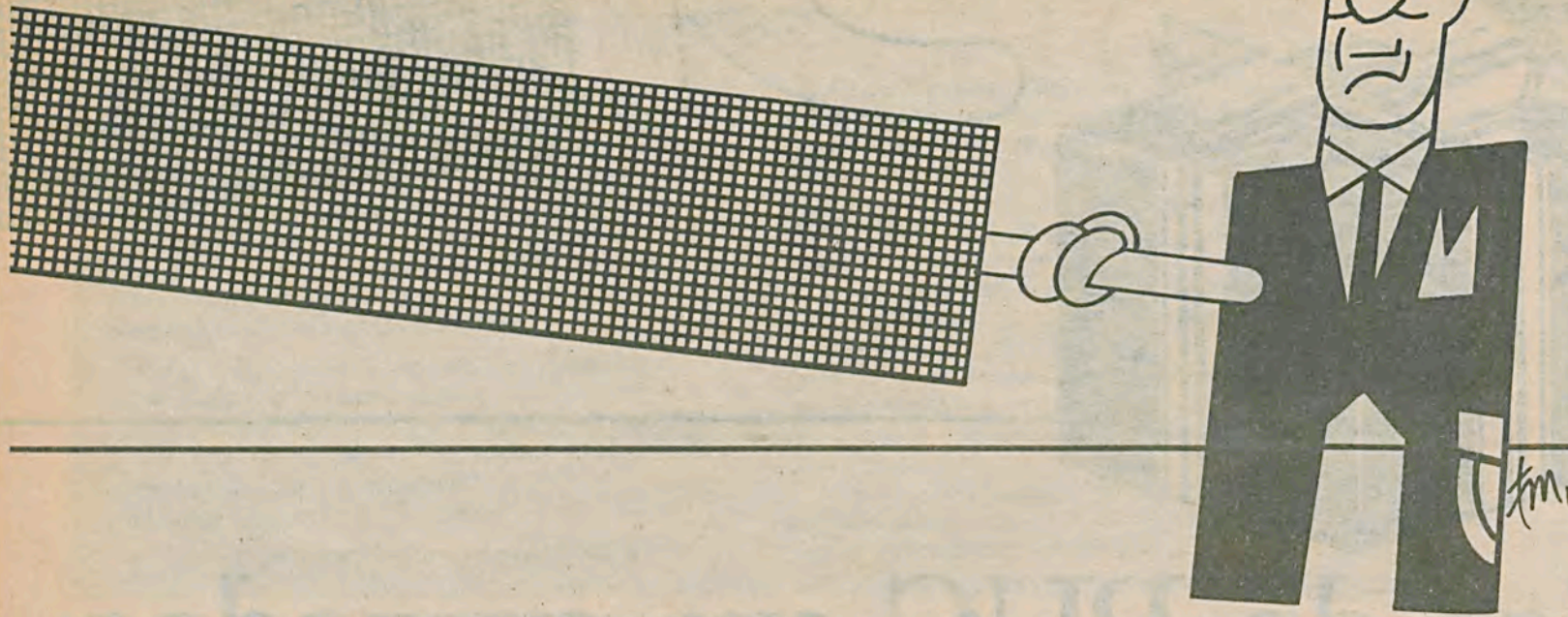
Os dados desta tabela foram fornecidos pela Apropuc

## QUANTO VÃO GANHAR OS FUNCIONÁRIOS

		A	B	C	D	F	F	G	H
Mensageiro, Aux. Copa, Servente	1	1.790,92	1.921,41	2.046,31	2.179,32	2.310,08	2.448,69	2.571,12	2.686,82
Vigia	2	1.932,06	2.066,38	2.200,69	2.343,74	2.484,36	2.633,43	2.765,10	2.889,53
Ajudante de Laboratório, Copeiro, Ascensorista, Porteiro	3	2.072,01	2.277,97	2.427,87	2.585,24	2.736,26	2.768,62	2.816,35	2.933,32
Escrit. I, Aux. Lab., Aux. Serv. Gerais, Manobrista, Servente - Enc., Telef., Aux. Creche I, Vigia-Enc. (em comissão)	4	2.314,72	2.548,64	2.712,88	2.758,73	2.827,78	2.982,37	3.106,73	3.218,54
Prep. Lab., OMPredial, Telef. Enc.	5	2.763,69	3.012,05	3.173,91	3.337,30	3.495,43	3.664,18	3.812,40	3.952,89
Escrutário II, Motorista, Oficial Gráfico, Aux. Creche II	6	3.127,35	3.377,80	3.548,88	3.737,50	3.918,48	4.112,47	4.283,53	4.443,91
Técnico de Laboratório	7	3.744,39	4.051,40	4.268,24	4.501,97	4.731,04	4.972,38	5.185,48	5.387,86
	8	4.594,34	4.986,10	5.261,82	5.558,13	5.844,04	6.140,87	6.402,01	6.676,26
Encarregado de Serv. Administrativos	9	5.066,33	5.504,69	5.811,18	6.129,21	6.442,13	6.746,17	7.012,87	7.264,29
Encarregado de Serv. Ped. Administrat.	10	6.180,25	6.687,12	7.030,13	7.394,31	7.751,23	8.121,32	8.421,70	8.677,28
Bibliotecário	11	7.416,03	8.006,69	8.399,37	8.760,67	9.081,30	9.417,58	9.713,09	9.992,74
Secr. Set. Reg. Ac., Assist. Rec. Hum., Serv. Adm., Tec. Pl. Jur., Ec.-Financ.	12	8.724,27	9.254,21	9.627,90	10.025,63	10.417,55	10.832,96	11.190,49	11.450,44
Bibliotecário-Chefe	13	9.942,67	10.587,32	11.046,70	11.444,75	11.751,87	12.066,73	12.345,33	12.607,34
Secret. Geral Reg. Acad., Assessor Jur., Contador Geral, Tesoureiro	14	11.294,91	11.814,23	12.179,80	12.548,64	12.910,96	13.278,72	13.508,28	13.718,91
Coordenadores: Rec. Hum., Ass. Jur., Serv. Adm., Ass. Téc. Pl., Ec.-Financ., Secret. Geral Univ., Auditor Interno	15	12.388,35	12.984,26	13.353,07	13.646,06	13.880,95	14.090,19	14.254,46	14.398,87

Os dados desta tabela foram fornecidos pela Afapuc

Os salários acima representam um reajuste de 61,19% determinados pelo pacote econômico do governo. Se estivesse em vigor a legislação anterior o reajuste deveria ser de 105,4%. A esses valores podem vir a ser incorporados ganhos de produtividade. Isso vai depender das negociações entre os sindicatos patronais e de trabalhadores.



## A crise da PUC em cruzados

▶ cutir os efeitos do pacote na vida dos professores.

Mas os funcionários já sentiram na carne (ou no bolso) esses efeitos. Dia 10, data do pagamento, em vez de dinheiro, receberam um comunicado da Reitoria explicando que o salário ia atrasar dois dias por problemas de caixa causados pelo pacote. Nele fica claro que os empréstimos que mantêm a PUC respirando estão agora mais difíceis. "À vista da agitação do mercado financeiro por causa do Decreto Lei 2.283, passamos esta semana em intensos contatos bancários para garantir nossos empréstimos. Mas a resposta foi esta: o Bradesco vai encerrar nossa conta garantida (Cz\$ 500 mil); o Mercantil não vai fazer o empréstimo prometido (Cz\$ 2 milhões); o Nacional não vai renovar o empréstimo já dado (Cz\$ 1,6 milhões); o Banespa cortou nossa linha de juros especiais (12% ao ano)", dizia o melancólico comunicado.

Os funcionários responderam com uma rápida mobilização que se transformou numa passeata pelo campus na manhã do dia 10. Com a promessa de receberem dois dias depois, o que realmente ocorreu, a ameaça de greve ficou em suspenso. Mas a diretoria da Afapuc continuou mobilizada de-

batendo os efeitos do pacote nos salários. Durante toda a tarde de quinta-feira, 13, ela passou reunida com técnicos do DIEESE analisando a nova tabela de pagamento dos funcionários.

Nesse mesmo dia, no final da tarde, a diretoria da Afapuc recebeu a resposta oficial da Reitoria de que não há ainda "previsão para a data de pagamento da correção monetária proporcional à parcela de 58% do 13º salário paga o dia 20 de fevereiro". Como se recorda, o 13º salário do ano passado só foi pago totalmente em janeiro. E o cruzeiro continuou desvalorizando. Professores e funcionários querem agora a reposição dessa nova perda.

### OS SALÁRIO DE ABRIL

A discussão desse prejuízo pode até ficar em segundo plano se forem confirmadas as perspectivas sombrias para o mês de abril. A folha de pagamento da PUC, no mês de março, pela sistemática antiga chegaria aos 17 bilhões de cruzeiros. Agora com os novos cálculos estará em torno de 13 milhões de cruzados. Mas isso, para o professor Guido Mantega, apenas garante uma pequena folga no déficit mensal de 7 milhões de cruzados, que vem se verificando todo o mês.

"A curto prazo", segundo o professor Mantega, "teríamos um desembolso menor, pelo menos para o mês de abril. Mas em junho, a situação já deverá ser igual a" aquela prevista para março. Na verda-

de ambos os dados — salários e mensalidades — acabam variando proporcionalmente e vai haver em junho o mesmo diferencial previsto de 7 milhões de cruzados. Aquele primeiro momento de folga não so-

luciona o problema da PUC e, mesmo com essa folga, a nossa folha de pagamento de abril não poderá ser paga integralmente, como já havíamos previsto", sentencia o vice-reitor administrativo adjunto.

## O arrocho salarial e o plano tropical

O Plano tropical foi lançado num momento que favorece o seu eventual êxito. A situação externa encontra-se razoavelmente estabilizada, com a queda das taxas de juros, e a elevação dos preços das nossas exportações e a redução dos preços das importações. No plano interno o ritmo de crescimento vinha se acelerando (apesar da inflação) mostrando de maneira inequívoca que as taxas de lucro deviam ser muito elevadas. Nesse sentido o choque não pegou a economia no contra-pé, isto é, em recessão, como aconteceu em 1965. Além disso, e aqui está o grande "trunfo" do plano, ele ocorre quando o nível do salário real médio se encontra num patamar muito baixo. Ou seja, quando o preço da força de trabalho é favorável à rentabilidade das empresas.

Para que se tenha uma idéia desse confisco do salário, basta examinar o que aconteceu com o salário mínimo. A fixação do mesmo em Cz\$ 804,00 significa perpetuar o imposto que a inflação dos últimos seis meses (a maior da história do Brasil) vinha cobrando dos salários em benefício do capital. Este salário alcança apenas 58 dólares sendo que no momento de seu último reajuste atingia 69 e em 1978 (época do arrocho autoritário) superava os 85 dólares. O custo da alimentação de uma pessoa alcança 74% de salário segundo os dados do DIEESE.

Com os demais salários as perdas talvez não sejam tão elevadas pois tiveram antecipações, abonos etc., mas de qualquer forma também foram imobilizados num patamar muito baixo, salvo algumas exceções.

Assim, para os empresários esta é uma condição muito favorável para o desenvolvimento econômico. No entanto para os assalariados isso representa uma perda que dificilmente poderá ser recuperada nos próximos meses pois a classe média foi neutralizada e a classe dominante tem hoje um nível de coesão política sem precedentes na história brasileira.

Contudo quando os assalariados, especialmente os de mais baixos salários, recobrem os referenciais (momentaneamente perdidos) essa atitude favorável ao congelamento de preços poderá dar lugar numa primeira etapa ao desencanto, numa segunda a frustração e finalmente a uma atitude de revolta.

PAULO Sandroni, prof. do Depto. de Economia da FEA-PUC

## Medidas modernas e populares

As recentes medidas de política econômica, inéditas na sociedade brasileira, nos remetem inicialmente a dois pontos de reflexão: o momento de sua aplicação e o sentido da sua direção, principalmente no que diz respeito ao processo de fixação dos ganhos e perdas, inevitável para o controle efetivo da inflação.

A definição do "timing" da implantação da política econômica se deveu basicamente a uma decisão política assentada em vários fatores, que vão desde a aceleração dos conflitos entre as duas principais forças que articulam o novo governo, até a preocupação com a estabilidade do cronograma de transição política do regime. Acreditava-se que esta dependeria e depende em grande parte da solução de vários problemas econômicos: apesar do razoável equacionamento na área da dívida externa, do déficit

do setor público e da retomada do crescimento da economia, o entrave estava localizado nas constantes elevações das taxas de inflação, o que acabava provocando uma profusa "desmoralização" do novo regime, especialmente na sua política salarial (a trimestralidade era inevitável) e nas tentativas de se costurar um pacto nacional.

A inflação de fevereiro alcançou patamares insuportáveis para a grande maioria da população assalariada (os ganhos reais de salários de algumas categorias eram rapidamente absorvidas por outros agentes econômicos), que permanecia indefesa frente ao descontrole da economia e aos mecanismos mais sofisticados de valorização do capital, ao estilo dos melhores cassinos.

As perdas salariais, o aprofundamento de déficit público, em decorrência da elevação da infla-

ção, o avanço das organizações sindicais e o descontentamento com a "Nova República" abriram espaços para que se articulassem rapidamente saídas a essa situação, quer sejam pelas vias populistas ou pelos esquemas centro-conservadores.

Em segundo lugar, tem-se que destacar duas características básicas da nova política econômica para entender o sentido da sua direção: ela "congelou" um certo perfil de distribuição de renda, e ao mesmo tempo interrompeu um dos principais mecanismos de apropriação do excedente na medida em que tabelou as margens de lucro e dos fatores de produção.

As medidas tomadas marcam uma importante inflexão na administração da economia, quer seja por ter fixado uma estrutura dos preços relativos —

aluguel, serviços, prestação do BNH, produtos de consumo — garantindo o aumento real do salário dos trabalhadores (uma simulação já nos mostra que é maior do que a situação anterior), como por ter colocado novos pesos relativos na briga entre os setores capitalistas pela apropriação dos excedentes. É ao fazer isso, o governo passou a arbitrar claramente as regras do jogo, definindo quem ganha e quem perde nesse novo sistema de combate à inflação.

Nesse quadro, é inegável, à primeira vista, que vários setores já perderam e que deverão fazer reestruturações profundas para recompor suas margens de rentabilidade. A título de exemplo temos o banco (não só porque sua taxa de juros ficou mais transparente provocando uma possível diminuição dos

"spreads", mas também, entre outras coisas, pela desvalorização da dívida interna); as empresas produtoras que tiveram congelados os seus preços e que agora disputam a partilha do custo financeiro embutido nos preços; e algumas empresas públicas que tiveram seus preços congelados abaixo do nível médio da inflação.

Finalmente é importante ressaltar que vários problemas podem surgir e sua resolução dependerá de duas coisas: da ação contínua e firme do governo e do constante apoio político e social da população. Até agora, as medidas refletem essa direção caracterizando-as como modernas e populares, nos marcos da atual conjuntura.

Marcio Percival Alves Pinto, prof. do Depto. de Economia da FEA-PUC.

# DOIS HOMENS E UM DESTINO

*Como enfrentar a violência da Polícia? Como torná-la eficiente e respeitada pela população? Dois professores de Direito da Puc - Michael Temer e Eduardo Muylaert - vem duelando com esses problemas há dois anos.*

A convivência da PUC com a Polícia não é propriamente um fato novo em sua história. Do enfrentamento com a Polícia Federal no último dia quatro às manifestações estudantis duramente reprimidas nos anos 60, passando pela invasão do campus Monte Alegre em 1977, a comunidade universitária já acumulou uma larga experiência com cassetetes, bombas de gás lacrimogêneo e boletins de ocorrência. Um fato novo, entretanto, é a chegada da PUC ao outro lado dessa disputa: o poder policial. Nos últimos dois anos, a Faculdade de Direito cedeu nada menos que dois secretários da segurança ao governo estadual, com a missão de aprimorar e humanizar a polícia.

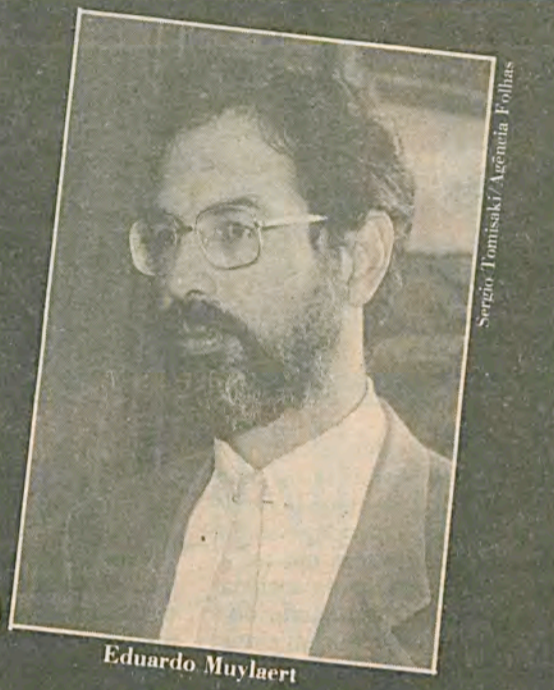
O professor Michel Temer, 45 anos, na PUC desde 1968 e atual candidato à Constituinte, foi o primeiro a enfrentar o desafio. Doutor em Direito Constitucional e Teoria Geral do Estado — suas disciplinas na Faculdade de Direito — ele aceitou um convite do governador (e colega de PUC) Franco Montoro, para assumir a SSP em janeiro de 1984. “No início, eu vivi momentos de grande tensão”, confessa Temer. “Mas percebi logo que, em vez de me tensionar, eu deveria manter a serenidade, o equilíbrio e a firmeza. Quem se abala com os fatos, não permanece naquela cadeira”.

Certamente, não se trata de uma cadeira qualquer. Basta lembrar o fato de que ela já foi ocupada pelo truculento Coronel Erasmo Dias, o homem que gostava de trabalhar com o revólver na cintura e que comandou pessoalmente a invasão da PUC em 77. Durante sua gestão, a violência habitual da polícia do regime ditatorial atingiu alguns recordes, disseminando na corporação a mentalidade de atirar primeiro e perguntar depois. A missão de Temer, que sucedeu a rápida e conturbada gestão de Miguel Reale Jr., foi justamente a de mudar isso.

“O grande problema que eu enfrentei na SSP foi o de compatibilizar a teoria e a prática”, diz Temer. “A questão está em interpretar a ordem jurídica de forma a resolver os conflitos sociais. É exatamente na SSP que você toma contato com as disfunções sociais: a criminalidade, de um lado, ligada às condições de vida da população, e os conflitos sociais, de outro, ligados à re-



Michel Temer, ao Centro



Eduardo Muylaert

lação entre o capital e o trabalho. Um professor, na verdade, não toma contato direto com esses problemas. Passa a tomar quando assume a pasta.”

Quando Temer assumiu o trabalho, no início de 84, a população reclamava da falta de segurança e havia forte oposição à política de direitos humanos do governo. A postura implantada por ele na polícia baseou-se em dois eixos: 1) no confronto com o delinquente, o policial deveria responder com energia, na mesma proporção do agressor; 2) detido o delinquente pelo Estado, não se admitia qualquer espécie de tortura física ou psicológica, como determina o artigo 153 da Constituição.

Apesar dos números da criminalidade manterem-se altos e a despeito dos graves incidentes na greve dos bóias frias de Guariba, em 84, Michel Temer enumerava várias vitórias que teve, como na invasão da Reitoria da UNESP pelos estudantes ou na tomada do prédio da Caixa Econômica, na rua Asdrubal do Nascimento, por favelados. Em ambos os casos, ele interveio pessoalmente e resolveu o problema usando apenas o diálogo.

Também em seu período, os assaltos mensais a ônibus caíram de 745, em outubro de 84, para 90, em novembro de 85, e os roubos a bancos, no mesmo período, reduziram-se de 120 para 24.

Por isso, Temer acredita que sua política de diálogo e energia, com respeito à lei, marcou a corporação policial. “Hoje ainda temos focos de violência, mas a mentalidade geral já mudou. A polícia, acima de tudo, é uma instituição muito disciplinada e acaba absorvendo a ideologia do Poder”, diz ele. E para implantar essa nova mentalidade, foi importante a contribuição da Universidade. “A idéia do diálogo, de que o professor não impõe autoridade, mas conquista, no diálogo. Isso eu transplantei da PUC para a Secretaria da Segurança Pública”.

O atual titular da SSP, o professor Eduardo Muylaert, 40 anos, doutor em Filosofia do Direito e há 11 anos na

PUC, segue exatamente na mesma linha. Como disse em seu discurso de posse, em 15 de fevereiro deste ano, “onde havia chão de terra batida, encontro a estrada asfaltada para seguir caminho”. Para ele, a experiência administrativa na nevrálgica área da segurança é a continuação do trabalho desenvolvido na Universidade, que se pautou sempre pela tentativa de compreensão da realidade social. Mas deixar a PUC para sentar no antigo trono de Erasmo Dias não foi fácil também para Muylaert. “É claro que há um choque”, admite ele. “Quando você trabalha com idéias, a utopia é real. Aqui, a utopia é impossível a curto prazo”.

Eduardo Muylaert não está, como Temer, interessado em mostrar-se como um xerife valentão. “O secretário não é um superpolicial”, diz ele. “Ele tem que ter o distanciamento suficiente para fazer uma análise da situação, determinar medidas e cobrar sua implantação”. Sua filosofia de trabalho, igualmente, baseia-se no combate à violência. “A inteligência é melhor que a truculência. A polícia científica produz melhores resultados, com mais eficácia social e maior gratificação para o policial”, acredita o secretário, mesmo admitindo que ainda há problemas na compreensão dessa filosofia, como atesta o recentíssimo fuzilamento sumário de quatro suspeitos na Praça Panamericana, por policiais da Rota.

Muylaert está empenhado agora em estimular a implantação dos Conselhos Comunitários de Segurança, criados pelo governo para que a sociedade participe da fiscalização da polícia e de sua própria segurança. Outra iniciativa sua é a “Operação Portas Abertas”, pela qual as delegacias policiais abrem suas portas para as queixas da população contra os seus próprios serviços. São novos passos no sentido da democratização e humanização da polícia, que ainda está a anos luz de um nível ideal, mas que inegavelmente vem respirando novos ares nos últimos anos. O trabalho será longo e ainda haverá muitos cadáveres no caminho, mas Muylaert tem plena consciência disso. “Todo processo democrático, ao contrário do autoritário, é mais lento para ser implantado. Mas vamos vencer essa batalha”.

## Casa de Ferreiro, espeto de pau.

Apesar de ceder dois chefes de Polícia ao Estado, a PUC ainda é um lugar onde campeia a insegurança. São rotineiros os furtos de automóveis e motos, assim como os assaltos a funcionários, professores e alunos, especialmente em torno de campus Monte Alegre. Mas o mais grave são os roubos acontecidos dentro da Universidade, nenhum dos quais, até hoje, foi suficientemente apurado, tanto em sindicâncias internas como em inquéritos policiais.

São estas as últimas “ocorrências” da PUC, com prejuízo de seu patrimônio, e até agora sem solução:

- Abril de 84 — Roubo no Restaurante Universitário
- Janeiro de 85 — Roubo de máquinas de calcular na Coordenadoria de Serviços Administrativos.
- Maio de 85 — Furto de fones de ouvido no Laboratório de Línguas (Anteriormente, haviam sido roubados todos os gravadores cassette)
- Novembro de 85 — Fur-

to de gravadores no setor audiovisual do Pós-Graduação

- Junho 85 — Roubo de equipamentos no Laboratório de Vídeo
- Janeiro de 86 — Roubo de máquinas fotográficas e lentes do Laboratório Fotográfico, na Coordenadoria de Serviços Administrativos.
- Fevereiro de 86 — Arrombamento e tentativa de furto na Clínica Psicológica
- Fevereiro de 86 — Arrombamento e roubo de máquina fotográfica aqui na redação do Porã' duba.

**A CRUZADA  
PELO  
VOTO FEMININO**



# Voto pela Liberdade

Maurício  
Tragtemberg

**OPINIÃO PÚBLICA**

O voto feminino, hoje no Brasil, representa aproximadamente 50% de todo o eleitorado. Diante deste fato, a pesquisadora Lúcia Mercês Avelar passou a desenvolver sua tese de doutorado que discute e analisa o voto feminino.

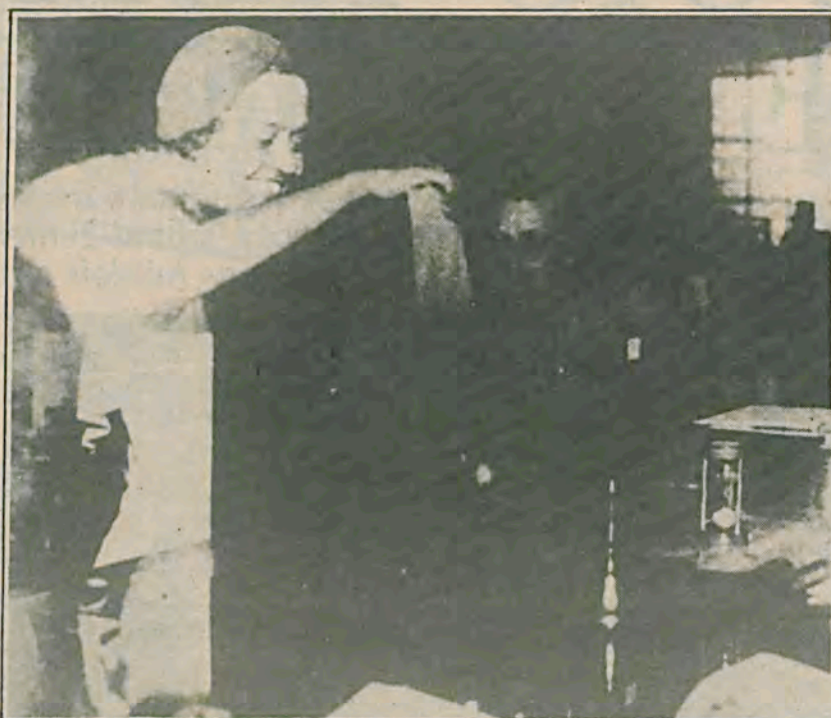
Lúcia fez antes deste trabalho, uma tese de mestrado que analisava o voto operário. Durante a pesquisa notou que o voto das operárias era diferente e muito mais progressista que o dos operários. Este foi o ponto de partida para Lúcia desenvolver o seu trabalho.

Com a questão do voto feminino na cabeça, Lúcia se espantou quando descobriu que, até então, ninguém havia pesquisado esse assunto, mesmo sendo o voto feminino decisivo em qualquer eleição.

Porém, segundo constatou, o voto não é igual para todas as mulheres. Existem nítidas e profundas separações entre as mulheres das diferentes classes sociais e entre as mulheres que trabalham fora ou não.

Durante a pesquisa, Lúcia identificou que as mulheres "independentes" que trabalham, estudam e possuem o seu próprio rendimento, são muito mais opositoras que os homens.

E, atualmente, com o agravamento da crise econômica a mulher, mesmo a dona de casa, tem tomado consciência de que é preciso se organizar e reivindicar seus direitos. A descoberta desta força tem tornado a mulher mais politizada, mesmo que ela ainda não tenha consciência disso, declara Lúcia.



Arquivo

Em maio de 1933, foram convocadas eleições para a Assembléia Nacional Constituinte de 1934. Nessas eleições o voto foi direto e pela primeira vez as mulheres votaram. Na foto, Almerinda F. Gama, deputada classista na Constituinte de 1934.

Portanto, aquela antiga tese de que a mulher vota no mesmo candidato do marido ou do pai é coisa do passado. Este fenômeno só acontece em estratos mais atrasados da sociedade. Mas neste caso, o marido é tão conservador e tradicional quanto a sua mulher.

A questão do voto feminino tem chamado a atenção até dos políticos que descobriram na mulher um filão eleitoral.

Mas, segundo Lúcia, este filão tem de ser muito bem trabalhado ao nível das idéias. As mulheres não votam mais num candidato, só porque ele tem um sorriso bonito. O candidato galã, dificilmente, será eleito só com os votos de fãs.

Durante a pesquisa ficou claro à pesquisadora que o voto feminino é muito mais de "esquerda". Lúcia arrisca justificar este fato: "a mulher que vive sob uma estrutura secular de autoritarismo e repressão, quando parte para a política quer modificar o seu papel social. Para ela tudo é muito mais difícil, portanto, muito mais a ser revolucionado. O voto de esquerda, de oposição é a representação desta vontade."

Apesar do voto feminino ser de oposição, a pesquisadora observa que a situação da mulher tende a mudar lentamente. É uma luta cotidiana que aparentemente não modifica nada, mas acreditando no processo histórico as mulheres conquistarão o seu lugar.

Analisando o número de mulheres candidatas e eleitas à cargos representativos, Lúcia acredita que a tendência é este número aumentar muito. Apesar de que "é bobagem dizer que mulher vota em mulher e homem vota em homem. O voto sério e progressista, não passa por este divisor genético. A mulher vota no candidato que considera melhor e vice-versa".

A pesquisadora Lúcia coloca que no mundo da política sempre existe lugar para as mulheres nos partidos de oposição. E que desde 1974, a mulher tem

buscado conquistar o seu lugar e participar.

Segundo Lúcia, a dupla jornada (mulher que trabalha dentro e fora de casa), a crise brasileira, o maior número de mulheres na Universidade, os meios de comunicação de massa (com restrições) e até a própria Igreja estão colaborando com a politização das mulheres. "Por exemplo, a Igreja é tradicional, mas quando sai em defesa do ser humano mobiliza uma facção da sociedade — a mulher — que tem o seu papel social e a engaja no movimento. Com o tempo, a mulher se desliga da Igreja, da comunidade eclesial e segue direito, sem mediações para a ação política".

Para Lúcia, nem as próprias mulheres têm consciência da profundidade das suas reivindicações: "quando se defende uma sociedade baseada no prazer e não no rendimento, nós temos indiretamente o fim do capitalismo. E a medida que as mulheres negarem o seu papel convencional, algo se descortina e as mulheres percebem que o Estado tem os seus deveres. Então porque não reivindicar? Pronto, a política se torna o ar que se respira. A gente não enxerga o ar, mas sabe que ele existe e que precisa dele. É, portanto, no universo político que se modifica e reformula o cotidiano".

## O "Pacotão": um Cruzado de Direita no Povo

O trabalhador viveu anos de 'arrocho' conheceu tudo isso na Velha República. Agora, com a 'Nova (Velha) República' tem que enfrentar um 'pacotão' com base em decreto-lei (Vige...) em que ele terá que pagar a conta.

Embora a mobilização da população contra a remarcação de preços que envolve o comércio em geral e até um supermercado de propriedade de um membro do Conselho Monetário Nacional — Abilio Diniz — tenha um lado positivo, apresenta mais indagações do que respostas.

O congelamento dos preços não deve limitar-se ao açougue, ao supermercado ou hipermercado, tem que abranger frigoríficos, a pecuária que fornece a carne aos frigoríficos que a comercializam.

A ação popular em defesa de preços de 25/2 eufemisticamente foi chamada de 'revolução cultural' pelo Ministro Sayad, com isso esquece que na China houve mudanças estruturais que aqui não se deram, aqui houve modernização sem mudança. O que é claro que o governo prevê desemprego, daí surgir o 'seguro-desemprego' que só abrange os que têm carteira assinada, milhares que não possuem Cart. de Trabalho estão excluídos.

Quanto aos salários, vemos que o salário mínimo terá uma perda de 20,4%, conforme cálculos de técnicos do Ministério do Trabalho. As categorias com reajuste em janeiro terão prejuízo em 4,6%, as reajustadas em março terão prejuízo de 25,6%.

Existe a promessa oficial de que as perdas serão futuramente recuperadas, isso é impossível pelo fato do governo proibir nos dissídios e negociações aumentos a título de reposição salarial, sob pena de nulidade da sentença. Em suma, é admirável ver economistas que escrevem sobre teoria do valor em Marx ou sobre capitalismo tardio, advogando essas medidas, de interesse maior do FMI. É o fascínio do poder e das mordomias sobre o intelectual que tem discurso crítico e prática reacionária. Mas isso é outra história.

Aqui, a cada quinze dias, professores da PUC são convidados para dar sua opinião sobre os grandes temas da conjuntura brasileira.

## Paixões e Política

A cientista política e pesquisadora, Lúcia Mercês Avelar, se formou em 1966 em Sociologia Política pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Sempre ligada a movimentos e partidos políticos, trabalhou com a pesquisa deste assunto durante muito tempo. Porém por motivos pessoais afastou-se da vida acadêmica. Em 1981, escolheu a PUC para defender

sua tese de mestrado sobre o voto operário e no final de 1985 conquistou o título de doutora em Ciências Sociais com a tese sobre o voto feminino.

Lúcia é uma mulher apaixonada por política e pela pesquisa. E para unir estas duas coisas já pensa num novo trabalho sobre "As mulheres e os partidos políticos", que sintetizaria todas as suas paixões.

## Teses a serem defendidas

### DOCTORADO —

- Fatores de Produção que interferem na legibilidade de um texto em Português — Sumiko N. Ikeda
- Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas — 21.03.86 — 8:30 hs sala 425
- Administração Escolar: uma introdução crítica — Victor Henrique Paro — Educação — 21.03.86 — 14:30 hs. — sala 424
- Crônica da vida clínica: Análise

da demanda por psicoterapia entre psicólogos do Rio de Janeiro — estudo de casos — Paulo Sergio Lima e Silva — Psicologia Clínica — 04.04.86 — 9:00 hs. sala 134

— Análise de uma criança — a representação de crianças e de natureza infantil para os psicanalistas de crianças no Rio de Janeiro. Maria Anita Lima e Silva — Psicologia Clínica — 04.04.86 — 14 hs. sala 134.

### MESTRADO

- A Administração Educacional — Reflexões sobre uma experiência de trabalho — revisitada — Vitória Helena C. Esposito — Supervisão e Currículo — dia 19/03/86 — 14 hs.
- Os Objetivos organizacionais da Escola e a formulação de uma proposta de atuação — Sonia Aparecida Romeu — Supervisão e Currículo — 21.03.86 14 hs.

- O conhecimento do vocabulário e seus efeitos na compreensão de leitura — José Enos Rodrigues — Linguística — 24.03.86 — 14 hs. sala 134
- Magistério Leigo Rural do Piauí: Concepções e Práticas — José Ribamar Torres Rodrigues — Supervisão e Currículo — 25.03.86 — 14 hs. sala 134
- O objeto do Ensino de língua materna — Isabel Gonçalves Gimenó — Língua Portuguesa — 07.04.86 — 14:30 hs — sala 134

# SESSÃO CORRIDA

• **Cursos de especialização e extensão.** Estão abertas inscrições para os seguintes cursos oferecidos no 1º semestre:

A língua portuguesa na escola de 1º e 2º graus (especialização), Francês instrumental para pós-graduandos nível I e II, Francês instrumental — leitura de textos filosóficos e literários, Francês instrumental para ciências sociais, Inglês oral, Hebraico I, II, III e IV, Hebraico Intermediário, Hebraico Adiantado, Língua Lituana II, Língua Italiana I e II, Psicanálise de Freud e Lacan, Abordagem da Articulação Sexo-Linguagem em Psicanálise, Introdução Prática à Língua inglesa. O negro e as relações sociais no Brasil, Produção de texto: redação e leitura, Semântica da sintaxe, base para gramática de texto — iniciação, Inglês instrumental para a área de ciências da computação, Inglês instrumental para área de ciências exatas, Inglês instrumental para área de psicologia e educação, Inglês instrumental para a área de ciências contábeis, economia e administração e Inglês instrumental para área de ciências humanas (Fonoaudiologia, Educação, Filosofia, Psicologia e Ciências Sociais). Mais informações pelos telefones: 263-0211 — ramais 362, 305 e 273.

• **Missa em Sorocaba** A Vice-Diretoria Comunitária do Centro de Ciências Médicas e Biológicas, convida os calouros e a comunidade em geral para assistirem a missa por intenção das almas dos cadáveres que se encontram naquele Centro, para estudos.

Esta missa que durante muito tempo foi tradição naquele Centro, está prevista para o final de março, e será realizada na sala de Anatomia. Maiores informações serão fornecidas no campus universitário.

• **Preço das refeições** A Vice-Reitoria Comunitária, com representação da Apro-puc, Afapuc e dos alunos no Conselho Comunitário, estudou a fórmula de reajuste de preços para as refeições,

diante do programa de estabilização dos preços.

Depois de alguma polêmica e a convocação do locador para prestação de contas na Delegacia, foram aplicados aos valores da refeição do último reajuste os índices de atualização dos salários. Fica estabelecido o preço de Cz\$ 5,80, devidamente congelado.

• **Reforma curricular** O Centro de Ciências Matemáticas, Físicas e Tecnológicas informa que finalmente foi implantada, neste ano, a Reforma Curricular para os primeiros anos dos cursos de matemática e física. E também, a partir deste ano, começa a funcionar o curso de computação.

• **Estágios** O Setor de Estágios da PUC está funcionando na sala T-37, das 9 as 12 e das 14 as 18 horas. As terças e quintas há um plantão das 19 as 21 horas. Respondem pelo setor as funcionárias Maria Elisa, Regina e Maria de Lourdes.

• **Reuniões abertas** Estão sendo realizadas no Centro de Ciências Médicas e Biológicas, reuniões quinzenais com a Vice-Diretoria Comunitária e os diversos Setores do Centro e do Hospital Santa Lucinda. Nessas reuniões está sendo discutida a crise da Universidade, suas consequências, a posição da Reitoria etc. Estas reuniões são abertas a comunidade PUC. Maiores informações procurar Pe. Firmino campus Universitário — CCMB.

• **O que é a EDUC** — Implantada em março de 85 como setor da Vice-Reitoria Acadêmica, a EDUC, Editora da PUC-SP, responde hoje por uma programação que inclui não apenas publicar o que o pessoal da PUC produz, mas também responder pela distribuição e venda de suas publicações e as de outros setores da PUC e, ainda, vender aqui as publicações de outras editoras universitárias do país. Além de editar os Cadernos PUC, a EDUC responde por: Veredas, Projeto História, Cadernos de Psicologia da Educação, Revista D.E.L.T.A., "The Specialist" e Psicologia Social. E, além de publicar três li-

vros avulsos, foram iniciadas em 85 duas novas coleções gerais: Debate (livros em co-edição) e Coleção Pré-print. Em 86 começa a nova revista — Distúrbios da Comunicação.

Desde final de fevereiro, a EDUC está instalada no corredor que liga as ruas Monte Alegre e Cardoso de Almeida, para onde foram também a mostra permanente de livros publicados pelo pessoal da PUC e um ponto de vendas das publicações da Editora.

A venda das publicações é feita também na Livraria da PUC, instalada junto a Papelaria, ao lado da Biblioteca Central.

• **Reuniões com os Administrativos** — A exemplo do que foi feito com o pessoal da área acadêmica, a Reitoria, no último dia 28 de fevereiro, iniciou a rodada de conversação com as chefias administrativas, no sentido de estarem estudando e viabilizando formas de contenção de despesas para possível saneamento da crise.

Foi discutida a modernização de setores considerados estruturais da universidade como CRH e CATP, e que os próprios setores, de acordo com sua realidade, procurem formas para essa contenção.

• **História da Filosofia** — Organizado pelo CA do Instituto de Psicologia da USP, o Curso de História da Filosofia, ministrado pelo filósofo Claudio Ulpiano será realizado de 22 de março a 31 de junho no salão nobre do IPUSP.

O curso tem seis horas-aula mensais, isto é, dois sábados por mês, das 9 as 12 horas. As inscrições podem ser feitas no CA de Psicologia da PUC com Lúcia. Maiores informações com o Leopoldo do IPUSP, pelo telefone 872-4012.

LIVRARIA  
**MEMÓRIA**

Livros usados e raros  
Compra Venda Troca  
Aluguel  
R. Senador Feijó 183/5º  
andar/s 50  
fone 35-6049



# Sessão Coruja

Como dissemos no número anterior, esta sessão é aberta para as mais elevadas expressões de corujismo que forem possíveis. Lembramos que fotos em tamanho médio poderão ser enviadas a esta redação para publicação. Eis aqui os seis atores que nesses dois meses fizeram os pais babarem:

08.01.86 — Sidnei — filho de Jair Freire — Limpeza e Conservação  
20.01.86 — Irina — filha de

Eliana Bertollucci — Fac. Psicologia

03.02.86 — Pedro — filho de Patrícia Maria Galvão C. Mortara — Fac. de Psicologia.  
03.02.86 — Jean Maximilian — filho de Gilson Aparecido de S. Lima — Laboratório de Anatomia

16.02.86 — Ana Clara — filha de Ricardo Carlos Gaspar — FEA

28.02.86 — Renato — filho de Maria José Barbosa Capella — Set. Estágios

# LINHAS CRUZADAS CARTAS

## "JE VOUS SALUE MARIE"

Foi com enorme assombro que eu e os demais alunos (principalmente os calouros) da PUC, assistimos a cena ocorrida no campus no dia quatro, entre 21 e 22 horas. Quando os alunos já haviam improvisado um pequeno auditório para exibição do filme, e com este em andamento, indivíduos dizendo pertencer a Polícia Federal invadiram o local e a base de muita violência, retiraram o carretel com a fita, inclusive com riscos de danificar o instrumental da universidade. Ao interpelarmos os referidos indivíduos sobre suas identificações ou sobre a existência de ordem judicial, recebemos entre outras aquela resposta-chave "você sabem com quem estão falando?". O estopim estourou realmente quando os ditos agentes forçaram passagem entre os estudantes, distribuindo empurrões e safanões aleatoriamente. Aos gritos de 'abaixo a ditadura' seguimos até a saída do prédio na Rua Ministro Godoy. Não contentes, os policiais nos ameaçaram de

armas em punho, como se fôssemos marginais de alta periculosidade. E o pior, dispararam diversas vezes para o alto, com o risco de atingir nossos colegas que se debruçavam na sacada do prédio. Afinal somos estudantes e não delinquentes. Queremos crer na Nova República e nas instituições de segurança. Mas desse jeito...".

Adalberto Ferreira Ramos (Badá), aluno do curso de Língua e Literatura Portuguesa.

## RECEBER O JORNAL

"Tomei conhecimento através de uma notícia de jornal do endereço da redação do Porã'duba. Tenho muito interesse em recebê-lo regularmente.

Jorge Iffraim Neto,  
Santana, SP.

A correspondência para o Porã'duba deve ser entregue na redação (sub-solo do prédio novo) ou enviada para Rua Monte Alegre, 984, CEP 05014 — São Paulo, SP. Por motivos de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente.

# O Império Contra-ataca

No dia 4 de março, aproximadamente às 21:30 hs, a Polícia Federal invadiu a PUC, interrompendo a Ave Maria.

Depois de passar por cima do Ministério da Justiça e através de um ato censurar o filme "Je Vous Salue Marie", de Jean Luc Godard, o presidente da República ainda queria que tudo isso fosse levado a sério.

Para fazer valer a autoridade do Poder Central, a Polícia Federal invadiu o Campus Central da PUC a fim de impedir a exibição "desobediente" do filme.

Mesmo diante de uma massa compacta de mais de mil alunos, a Polícia Federal resolveu se atirar sobre a platéia para apreender o filme proibido. Com a ação iniciada, vídeos e televisões de responsabilidade dos alunos da PUC se espatifavam no chão da rampa. E a cobijada fita se escondia embaixo da blusa de uma espectadora. (Marie?)

Entre empurrões e safanões, a PF atraiu para a rua os estudantes, que tentavam resgatar

dois colegas já presos. Tiros, desmaios, pedras, máquinas quebradas, vidros estilhaçados e um saldo de ferimentos e escoriações.

A PUC de São Paulo, oito anos depois, havia sofrido mais uma invasão.

A perseguição — alunos atrás da Polícia — só terminou na delegacia do bairro, quando os estudantes presos foram liberados. A cruzada "Fora PF!" tinha conseguido expulsar os invasores e dar queixa de agressão física, danos morais e materiais.

Naquele momento, um salto foi dado: da resistência pacífica para a desobediência ativa.

## O Retorno de Ghandi

Convocado para o dia 7 às 19.00, o Ato Público em repúdio à invasão refrescou a memória da comunidade, com a exibição de um outro filme, sobre a invasão de setembro de 1977, comandada por Erasmo Dias.

Depois de assistirem ao filme, as pessoas se concentraram em frente ao Centro Acadêmico de Ciências Sociais, onde, da porta, os oradores se dirigiam à massa.

O primeiro a falar foi o reitor da PUC, Luis E. Wanderley, que depois de declarar apoio aos estudantes, lançou a pergunta: "Por que invadem a PUC?" E ele mesmo começou a enumerar os possíveis motivos, dentre os quais uma "psicose da repressão contra a PUC, pois aqui há resistência. A PUC sediou a SBPC, o Tuca abrigou encontros e debates de setores da sociedade visados pela repressão" e segundo ele mesmo "acabou sendo incendiado". Para Wanderley, esta é uma universidade autônoma e isto assusta o poder autoritário.

Lembrou ainda que está aberta uma comissão de sindicância para apurar os fatos e a partir de um conjunto de depoimentos abrir inquéritos para punir os responsáveis.

Depois falou o representante do Centro de Cultura Social, alertando que, segundo fontes seguras, na mesma hora em que a PF invadia a PUC, um grupo de padres assis-

tia ao filme, em sessão fechada. Criticando esta situação paradoxal, defendeu a continuidade do movimento de desobediência civil.

Em seguida falou a representante da ANDES (Associação Nacional de Docentes do Ensino Superior), fixando sua exposição na defesa da autonomia universitária.

O representante do DCE da USP convidou os colegas puqueanos para assistirem ao filme em "Campus Livre" (quando da exibição na PUC, na USP o filme já havia sido exibido sem problemas), durante a semana de calouros.

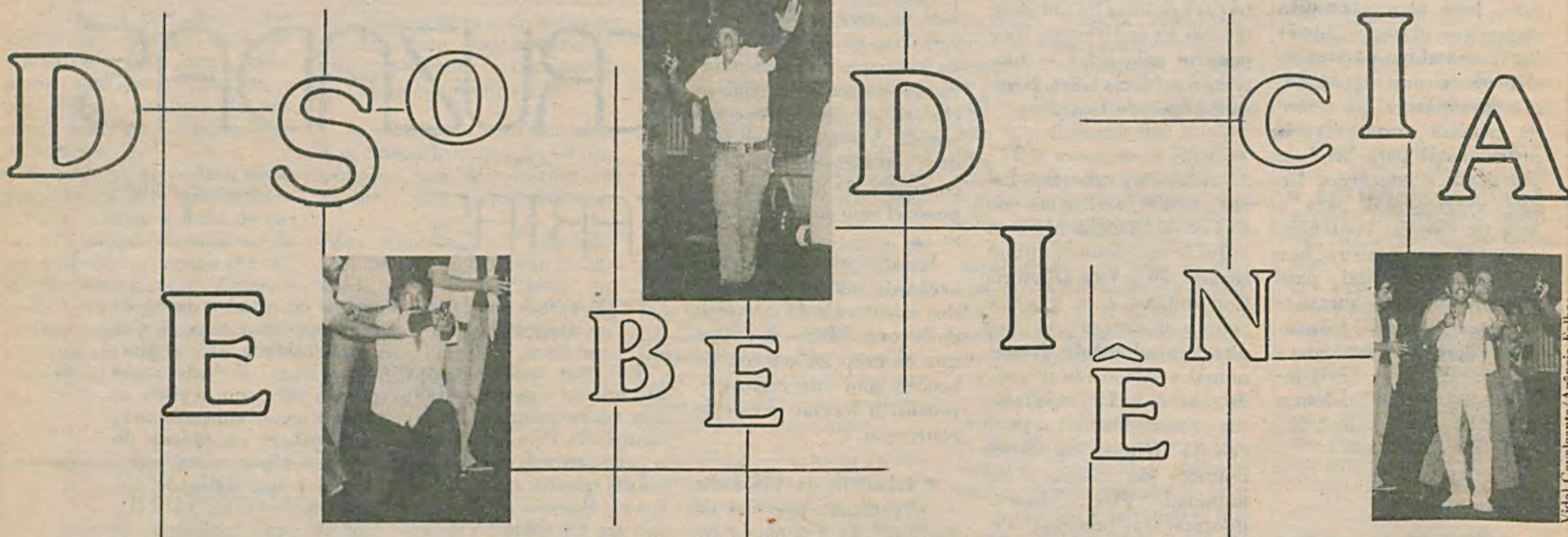
Ele reivindicou da Igreja uma tomada de posição clara sobre a liberdade de expressão e responsabilizou a Instituição de colocar a PUC como um filho abandonado, numa terra de ninguém onde a repressão pode agir quando bem entender. Alertou ainda para o fato de que, seguindo uma paródia da Bíblia, a sociedade brasileira assistirá ao milagre da reprodução das fitas.

A Professora Zilda, presidente da Apropuc, ressaltou o avanço da mobilização da comunidade-PUC, pois desta vez, "não conseguiram nos acuar". Deu ênfase ao fato de que estas desobediências estão acontecendo em todo país.

O representante da Afapuc, des-

ceu o verbo e apoiou a porrada contra a censura, toda vez que ela se impuser. Em nome dos estudantes do PT falou Sampaio acusando a Nova República de ser nada mais que uma máscara, motivo pelo qual o PT não aceitou ir ao Colégio Eleitoral. Fernando Morais, falou em nome do PMDB, acusando a censura e a tutela do estado, apoiando o direito de todo cidadão ver o que quiser. Pelo PCB, veio um representante do deputado Antonio Reszk, apoiando a luta da PUC.

Como representante da Revista Viagem e Vertigem, responsável pelo de protesto à proibição do filme de Godard realizado a 25 de fevereiro na escadaria do teatro municipal, falou Henrique Carneiro, defendendo a liberdade sexual e acusando a Igreja de querer controlar o trabalhador via repressão sexual. Convocou a todos para a formação de um comitê contra a censura. O Sindicato dos Artistas e Técnicos, com diretoria recém eleita, também compareceu ao ato, questionando a proibição de uma obra de arte e o Núcleo de Política Sexual também marcou sua presença, defendendo a liberdade de expressão e o movimento de desobediência civil. Finalizando o ato falou o Edú do Cacs, defendendo a desobediência e frisando que a PUC está cara.



## Quem diria, Godard, tão popular...

Durante a exibição interrompida do filme de Godard, as pessoas se concentravam na rampa com cara de quem desacata simbolicamente.

Quantas pessoas ali eram fãs do Godard? Cineasta de pequenas e "cults" platéias, não costuma ser visto em climas tão conturbados.

Pois é, a PUC, naquele momento, experimentava um velho sabor, que não deixa de ser sério porque prazeroso. Assim como os setores da Igreja que pressionaram o Estado para, em coligação absolutamente normal, assumirem um papel de pai-patrão, a sociedade, filho irresponsável, se rebelava, de-

safiando os bigodes interventores.

A mobilização criada em torno do filme, agitou todos os desobedientes em potencial, para, como pretexto simbólico, formar uma espécie de cruzada anti-ingerência.

Éra a tal da desobediência civil. Neste dia, o Porã duba recolheu alguns depoimentos sobre ela.

Para Claudio, aluno da Economia, a desobediência civil é a melhor forma de mostrar que estamos contra o governo e a Igreja. Já o guarda da PUC, que não quis se identificar, disse que "Não achada, porque o último guarda que achou alguma coisa sumiu".

Mais radical é o estudante Nivaldo, que aconselha a desobediência civil para a economia "o povo não precisa chamar a polícia para controlar os preços. O negócio é invadir e saquear. A justiça popular é a melhor maneira de romper com o legalismo". Fátima, pós graduanda em educação tem sua palavra de ordem: "todos deveriam obedecer a desobediência civil". Já Sandra, argentina radicada há dez meses no Brasil se diz desobediente 24 horas por dia graças ao seu comportamento e modo de vestir, mas não aceita ser chamada de Punk: "cada um na sua, desobedece como quer".

Marcia, aluna de Ciências Sociais estava só aguardando "Nem estou vendo o filme, estou pra brigar, para ver se vem alguém impedir." Para José Eduardo, ex aluno, "a desobediência consiste em cometer um ato não permitido na lei, — no caso assistir ao filme proibido. Ao contrário do que acontece quanto ao pacote econô-

mico, que provocou uma situação onde as pessoas estão acatando com unhas e dentes as medidas do governo, vigiando os abusos."

Já Laís, aluna de Jornalismo, aproveitou a deixa para misturar os canais: "desobediência Civil é aproveitar que o trabalho é sobre Barthes e escrever sobre qualquer assunto."

porã duba